
ROSÁRIOS DA NEGRITUDE FEMININA: CONCEIÇÃO EVARISTO E AS VOZES-MULHERES DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

ROSARIES OF BLACKNESS FEMALE: CONCEIÇÃO EVARISTO AND VOICES-WOMEN OF AFRO-BRAZILIAN LITERATURE

Edilson Miranda Silva

<silvae.m@hotmail.com>

Pós-graduado em Literatura Brasileira,
Universidade Salgado de Oliveira – RJ

Prof. Colégio Estadual Eivaldo Machado Boaventura - BA

<http://lattes.cnpq.br/1420331918417251>

Ederson Luís Silveira

<ediliteratus@gmail.com>

Doutorando em Linguística,
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

<http://lattes.cnpq.br/9636609353277293>

Raimundo Expedito dos Santos Sousa

<raimundo_sousa@terra.com.br>

Doutorando em Estudos Literários,
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

<http://lattes.cnpq.br/0070090312079084>

RESUMO

Este artigo tem como finalidade analisar os poemas intitulados “Vozes-Mulheres” e “Meu Rosário”, da poetisa e romancista Conceição Evaristo (2008), no intuito de verificar as vozes femininas que constituem a escrita poética afro-brasileira. Para realizar tal empreendimento, serão destacadas algumas reflexões acerca do contexto em que a luta por direitos das mulheres se dá situando Conceição Evaristo no hall de escritoras que representam o lugar da mulher negra na sociedade patriarcal e as formas de subjetivar-se em meio às tentativas frequentes de silenciamento que são engendradas social e culturalmente em relação às mulheres negras. A agenda do estudo dos marcadores sociais de diferença parte não somente da divisão de seres humanos em classes ou etnias particulares. O que produz é um efeito de emergência da singularidade de cada sujeito. Desse modo, as formas de subjetivação são muitas, mas as diferenciações existem no seio social. Assim, mulheres sofrem preconceitos diversos e são marcadas desde o nascimento com um lugar social culturalmente imaginado em uma sociedade patriarcal - lugar este contra o qual elas se rebelam - e isso não ocorre de modo

diferente com as mulheres negras, que tem além do gênero o fator étnico como predominante em relação aos julgamentos exteriores – e muitas vezes, internos – com os quais convivem, sobretudo se o gênero e a etnia estiverem associados a determinada classe social menos abastada. Dessa forma, o presente trabalho visa trazer contribuições aos estudos acerca do social enquanto parte estruturadora da estética ficcional. Objetiva-se, também, perceber a importância da arte literária como forma de resistência à discriminação de gênero e etnia simultaneamente.

PALAVRAS-CHAVE: vozes femininas; poesia afro-brasileira; gênero; etnia.

ABSTRACT

This paper aims to analyse the poems entitled "Voices-Women" and "My Rosary", the poet and novelist Conceição Evaristo (2008), in order to verify the female voices that constitute the written Afro-Brazilian Poetics. To undertake such a venture, are highlighted some reflections about the context in which the struggle for women's

rights is given standing Conceição Evaristo writers representing the place of black women in patriarchal society and the forms of subjetivar in the middle of the frequent attempts of silencing that are engendered socially and culturally in relation to black women. The schedule for the study of social markers of difference part not only of the Division of humans into classes or particular ethnic groups. What produces is an effect of the uniqueness of each subject. Thus, the forms of subjectivation are many, but the differentiations exist within society. Thus, women suffer various prejudices and are marked from birth with a social place culturally imagined in a patriarchal society-place this against which they

rebel not occurs differently with black women, who have other than the genre the ethnic factor as predominant in relation to foreign judgments – and often, internal – with which coexist especially if the gender and ethnicity are associated with particular social class less wealthy. Thus, the present work aims to bring contributions to the studies about the social structuring of fictional as part aesthetic. Objective-if, also realize the importance of literary art as a form of resistance to discrimination of gender and ethnicity simultaneously.

KEYWORDS: female voices; Afro-Brazilian poetry; genus; ethnicity.



A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva primeiro a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. (CÂNDIDO, 2004, p. 177)

INTRODUÇÃO

Faz décadas que as mulheres lutam por seus direitos. No Brasil, elas ainda recebem 30% menos que os homens, segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento¹, sendo a média de diferença na América Latina de 17 %. E não para por aí: hoje, das 513 cadeiras da câmara de deputados, somente 51 são ocupadas por mulheres no país. Some-se a isso um contexto mais amplo em que o discurso religioso judaico-cristão figurou entre os responsáveis pela veiculação da suposta inferioridade da mulher em relação ao homem. Paulo de Tarso, na Epístola aos Efésios, por exemplo, não deixa dúvidas quanto às raízes históricas disso e a relação com pressupostos religiosos: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo”².

¹ Informação disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil/>

² Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/ef/5>

Apesar da repressão política, religiosa e das ideologias patriarcais, as mulheres lutaram arduamente em diversas sociedades para a construção de uma sociedade democrática. No Brasil, por exemplo, visaram o alcance do direito ao voto, de maior participação na vida política, no controle do próprio corpo com a legalização do aborto e da igualdade dos salários e a cobrança de leis mais justas que coíbam os estupro em terreno nacional entre outras pautas. O feminismo surge, então, como uma forma de pensamento e ação, com vistas à denúncia da hegemonia masculina, à revisão dos papéis tradicionais do homem e de mulher, ao abalo da moral patriarcal. Neste contexto, as raízes do movimento feminista podem ser associadas à Revolução Francesa, por se tratar de um período em que

[...] o feminismo adquire uma prática de ação política organizada. Reivindicando seus direitos de cidadania frente aos obstáculos que o contrariam, o movimento feminista, na França, assume um discurso próprio, que afirma a especificidade da luta da mulher (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 32).

É ainda nesse contexto revolucionário que foi publicado o texto “Os direitos da mulher e da cidadã”, da autoria de Olympe de Gouger, por exemplo. Cabe ressaltar que em uma sociedade falocêntrica³, como se vive desde tempos remotos, foi difícil para a mulher mostrar que era um ser pensante. No entanto, gradativamente, as mulheres ocupam o espaço social, novos anseios surgem e à sua luta vão se incorporando novos questionamentos, proposições e demandas de diferentes grupos de mulheres.

No Brasil, o movimento feminista ganha força a partir da década de 1980, período em que as mulheres negras constituíram suas primeiras organizações. Elas aliam-se com as especificidades próprias e caráter nacional, com intuito de intensificar as reflexões e ações para o combate às opressões racial e de gênero.

Neste sentido, a literatura cooperou e vem cooperando em mostrar que todo ser humano tem seu lugar e importância na sociedade que se veste com trajes de democracia, independentemente de etnia, credo, condições econômicas e sexo, e que toda dor deve ser compartilhada, tornando-nos mais humanos e compreensíveis. Os romances, poemas, contos e outras produções literárias trazem-nos uma percepção mais ampla sobre mundo em que vivemos

³ A cultura Ocidental alimenta frequentemente uma visão centrada na masculinidade tradicional - chamada androcentrismo ou falocentrismo - em que “[...] os pressupostos neutros quanto ao gênero implícitos na vontade de poder (sobre os outros) que constituem os Verdadeiros Discursos e as tecnologias a eles associadas transformam orientações desproporcionalmente masculinas em uma orientação da humanidade em geral” (BALBUS, 1987, p. 120).

e mais aberta ao outro, possibilitando entender os nossos próprios sentimentos. A literatura tem sido, ao longo da história, uma das formas mais importantes de que dispõe o homem, não só ao conhecimento do mundo, mas também para a expressão, criação e recriação desse conhecimento. Daí nasce a necessidade de compreender a literatura e vivenciá-la, porque ela contribui para o amadurecimento de cada um.

Antônio Candido (2004), em seu ensaio “O Direito à Literatura”, expõe a importância dessa arte à sociedade e sua função humanizadora. Para ele, a literatura é uma das formas mais importantes que o homem tem em buscar e transmitir o conhecimento, a participação e transformação no seu meio cultural, atingindo assim a sua liberdade de expressão. Ele (CANDIDO, 2004), salienta que não há possibilidade alguma de um povo qualquer viver sem contato com a arte literária, e que ela é um bem tão essencial quanto a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão, etc. De fato, continua o crítico literário,

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente de nossa vontade. E, durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. (...) Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (CÂNDIDO, 2004, p. 174-175).

As palavras de Antônio Cândido vão ao encontro das palavras de Ítalo Moriconi (2002) cuja enunciação pode servir de acréscimo ao que já foi mencionado anteriormente:

Cultivar as letras é querer saber coisas, é cultivar o intelecto, a força de entendimento. A quem deseja enveredar por esse caminho, recomenda-se: leia os bons romances, descubra os filósofos sérios, aprenda a amar a poesia. Na cama, na rede. Na poltrona, na mesa de trabalho. Sempre foi assim. É como nasce a tribo dos letrados (MORICONI, 2002, p.7).

O poeta, em especial, toma, assim, a literatura como forma de expressar suas angustias, sonhos, inquietações e reflexões que se misturam nessa busca da identidade e acabam

extravasando em meio às palavras. Enfim, através da arte escrita o autor exprime seus desejos, a cultura local, e representa a realidade, denunciando as mazelas e as injustiças humanas.

O texto poético propõe ao leitor a desenvolver a sua imaginação, tende a levá-lo para outra cena, outra experiência, ao ponto de transcender e tornar-se coautor. O leitor entrega-se à leitura poética. Essas sensações, às vezes involuntariamente, provocam e carregam consigo algo que se refere ao conjunto das experiências que o leitor tem de sua humanidade. A arte produz a catarse o que costumamos chamar aquele instante em que a poesia arrebatava quem aprecia. A respeito disso Ítalo Moriconi (2002, pp. 09-10) nos lembra:

O poema, ao ser lido sobre a página, ou ouvido com atenção, aproxima o leitor do poeta. Todo leitor ou leitora de poesia é um pouco poeta também, mesmo que não profissional. O ato criador do poema sobre a linguagem evoca criação poética do mundo implícita na própria existência dela, linguagem, que é de todos.

É justamente nesse intento de arrebatamento ao leitor e a necessidade de manifestar os sentimentos que surgem várias escritoras – poetisas e romancistas – com sua literatura para falar do próprio universo feminino. Essa foi a forma encontrada pela mulher para se posicionar frente ao mundo e ser entendida como pessoa. São escritoras como Adélia Prado, Cecília Meireles, Maria Firmina dos Reis, Hilda Hilst, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector e outras mais que lançaram um sopro, com garra e determinação de ideias políticas, filosóficas e sociais voltadas aos interesses do grupo. São cidadãs conscientes do seu papel social e feminino que lutaram e conquistaram seu espaço, provando sua competência ao se inserir no mercado de trabalho. Assim, abriram uma discussão sobre a importância da mulher na sociedade, suas lutas e tentativas de se afirmar nos campos profissional, afetivo, racial e sexual. Tratando da poesia brasileira feminina, esclarece Ítalo Moriconi (2002, p. 138).

Na poesia brasileira do fim do século, o sujeito marcado por gênero é de longe o mais importante nesta multiplicação de marcas. A poesia escrita por mulheres apareceu no cenário com força quantitativa. E o tema principal da poesia recente escrita por mulheres é a condição feminina. Não interessa à poeta mulher falar em nome de um sujeito universal. Ela não quer ser homem comum. Ela quer ser a mulher.

A poesia afro-brasileira demonstra um mundo em que a voz feminina ecoa no mundo interior e exterior, em si próprio e no outro de tal maneira que somente através da linguagem poética somos capazes de compreender tamanha dimensão. “O poema, enquanto espaço de leitura silenciosa, filtra toda a dimensão ativa e performática da vida para o universo das imagens

mentais que ficam falando dentro da cabeça da gente.” (MORICONI, 2002, p. 19). Para este autor, a poesia não tem mais somente a cara do “homem em geral, da mulher em geral”.

[...] e todas as outras caras ciborgues, que se apresentarem. A poesia estritamente do fim do século na verdade sai de um pouco da busca do “comum” a todo custo. O/a poeta do último fim do século, que é também o /a poeta deste iniciozinho do século XXI, busca seu lugar incomum, radicalmente singular, na linguagem, na arte (MORICONI, 2002 p. 140).

Dentre muitas escritoras que abordaram e contribuíram para o olhar feminino, Conceição Evaristo se destaca no século XX pela audácia, por não ter medo de falar o que pensa e principalmente o que sente. Ela nos revela a mulher-negra através da poesia afro-brasileira, uma escrita contemporânea em busca da identidade feminina e racial, ao mesmo tempo em proporciona uma visão crítica, levando a compreender que todos somos diferentes, temos anseios e desejos diferenciados; mas na essência somos iguais e capazes: negros, não-negros, índios, brancos, ricos e pobres, homens e mulheres. Assim, desmistifica os estereótipos que não condizem com a realidade, reagindo contra a injustiça e a desigualdade. Gradativamente a literatura de Conceição Evaristo, de maneira inteligente, reverte o mito de que foi a mulher criada para as funções domésticas e servir aos homens.

UM POUCO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

A escritora Conceição Evaristo nasceu em 1946, em Belo Horizonte, cidade em que morou até 1971, quando se mudou para o Rio de Janeiro, onde reside atualmente. Ela é Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Por meio da formação e atuação desenvolveu estudos críticos sobre as relações entre a Literatura Afro-brasileira e as Literaturas Africanas de língua portuguesa. Sua estreia no meio literário aconteceu em 1990 na série *Cadernos Negros*, publicação editada pelo grupo Quilombhoje. Desde então, Conceição Evaristo vem trazendo a público poemas, contos, romances e ensaios. Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, foi publicado em 2003 no Brasil e traduzido para o inglês em 2007.

Em resposta à entrevista do professor e pesquisador Edmilson de Almeida Pereira, quanto questionada a respeito da sua vertente, ela explica:

Para mim, a aceitação da existência da Literatura Afro-brasileira pressupõe reflexões tanto em torno da estética como da ideologia do texto. Eu não tenho nenhum temor, não sinto nenhum mal-estar em não só afirmar a existência de

uma literatura Afro-Brasileira, como ainda me encaixar no grupo de autoras(es) que criam um texto afro-brasileiro. E diria mais, os meus textos e de outras escritoras afirmam a existência de um texto feminino negro, ou afro-brasileiro, como queiram. Como? O meu texto se apresenta sob a perspectiva, sob o ponto de vista de uma mulher negra inserida na sociedade brasileira (CONCEIÇÃO apud PEREIRA, 2007, p. 283-284).

É a própria poetisa que afirma que sua criação literária origina-se das experiências vividas como “cidadã brasileira, negra, mulher, viúva e professora, oriunda de classes populares”, o que mais tarde classifica como escritivência, ou seja, uma escrita a partir das vivências. São poemas que desvendam o mundo da mulher e o ser mulher, abrindo novos e belos horizontes. Uma poesia transgressora. Ao poeta “trata-se de projetar nas palavras a insinuação de uma presença intangível; de plasmar num enunciado conseqüente a vigorosa vivência de uma proximidade que não admite ser apreendida a não ser como mistério.” (KOVADLOFF, 2003, p.29).

É nesse propósito de transgressão que a escritora faz uso da sua poesia, dialogando com o seu leitor, e levando-o a refletir sobre a imagem da mulher negra construída ao longo da história, desde a escravidão até o momento presente, conforme perceberemos nos poemas que objetivamos a analisar.

VOZES-MULHERES: UM POEMA QUE ECOA NO SILÊNCIO

Seguindo a estrutura da árvore genealógica, o eu-poético apresenta as personagens femininas com as suas dores, angústias e lamentações em detrimento do período escravagista, o qual vai alastrando aos seus ascendentes; daí o título “Vozes-Mulheres”. São vozes femininas que expressam sofrimentos e, gradativamente, se manifestam pelo eu-poético em outras vozes isoladamente.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
(EVARISTO, 2008, p. 10)

É bom salientar que o termo “ecoou” utilizado aqui se refere ao grito que sai de um corpo e refletirá o som – e por que não os lamentos – ao outro. Assim, a dor que a bisavó externa recairá na avó, na mãe, no próprio eu-poético e em sua filha.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagem sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
(EVARISTO, 2008, p. 10)

Além da perda da infância já constatada pela bisavó, aqui a personagem feminina, avó, deixa bem explícita a submissão aos senhores donos de escravos. As palavras “porões” e “brancos-donos” remetem ao período escravagista, em que os negros eram sujeitos a todos os caprichos dos seus proprietários. Nota-se, também, que o termo “tudo” descarta qualquer possibilidade de autonomia pelas vozes femininas, já que os “senhores” tinham total propriedade e domínio.

Seguindo a linhagem do eu-poético, partimos para a voz da mãe. Essa voz, diferentemente das anteriores, já não se encontra no espaço e tempo da escravidão, o que não a isenta do trabalho braçal, da subserviência que a sociedade impõe. Mesmo não sendo mais escrava, ela continua em ambientes e condições desprivilegiados: na “cozinha”, na “favela”, ao meio de roupas sujas e “caminho empoeirado”.

São mulheres negras que continuam a desempenhar funções de cozinheira e lavadeira, agora não mais dos seus senhores, mas ainda do outro em “cozinhas alheias” e “roupagem sujas dos brancos”. “Pelo caminho empoeirado/rumo à favela” revela claramente a condição suburbana, à margem da sociedade que a mulher negra vive. Isso nos leva a compreender que a mulher negra, mesmo distante do regime escravagista, permaneceu na condição dependente do homem branco.

Estendendo para a voz do eu-poético, notamos o espanto, um ar de indignação soada nos “versos perplexos” e que fazem ecoar somente através das “rimas de sangue/ e fome”. É na construção da poesia que a voz feminina externa toda a angústia e preenche essa sensação de vazio. A escrita passa a ser para ela uma forma de aliviar a dor marcada pelo “sangue” e a “fome”. Fome, também, de justiça e desejo de mudança. O “ainda” estampa as marcas dos seus antepassados em si, e ao mesmo tempo expressa uma tomada de consciência e a esperança pela liberdade.

A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e fome.
 (EVARISTO, 2008, p. 10)

Essa esperança de liberdade reacenderá na voz da filha do eu-poético. É nessa voz que toda uma geração deposita sua expectativa de uma sociedade mais justa e igualitária. O jogo de palavras “recorre” e “recolhe” utilizado pelo eu-poético implica, aqui, uma tomada de consciência pela filha, a qual busca reunir todo o sofrimento dos seus antecedentes “em si” para ganhar força e reverter a situação. Ela toma para si todas as dores “mudas caladas/engasgadas nas gargantas” dos seus antepassados.

A voz de minha filha
 recorre todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.

A voz da minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 Se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.
 (EVARISTO, 2008, p. 10)

A filha não fica apenas na tomada de consciência, mas parte para ação. Ela tem “a fala e o ato” e assim desobstrui os nós das gargantas entalados nas vozes anteriores. A ela (filha) “se fará ouvir a ressonância/ o eco da vida-liberdade”. O uso do pronome reflexivo “se”, juntamente com a locução verbal “fará ouvir”, empregada pelo eu-poético, simboliza a imposição da voz da filha em fazer com que o outro a ouça. Ouvir, aqui, é muito mais do que escutar. É fazer entender/tomar conhecimento. Ciência sobre o posicionamento, a importância e valorização da mulher negra frente à sociedade. O silêncio oclusivo – mas audível – vivenciado pela bisavó, avó e a mãe em lugares fechado como “porões”, “fundos da cozinha” e “debaixo das trouxas” torna-se epifânico na garganta da filha. Sobre o silêncio dizível, Santiago Kovadloff afirma:

O silêncio humano – é sabido – não se expressa apenas através da prescindência das palavras. Também expressa através das palavras das quais prescinde. E as palavras das quais prescindem provém, usualmente, da garganta do hábito, do

dogma e do preconceito – três manifestações de uma mesma e angustiante necessidade (KOVADLOFF, 2003, p. 21).

Enveredamo-nos na poesia afro-feminina de Conceição Evaristo e descobrimos quantos nós foram desatados, e quantos ainda há para serem dilacerados. A poetisa mais uma vez nos convida a adentrarmos no mundo das palavras com o seu poema *Meu Rosário* e romper novos tabus.

MEU ROSÁRIO: UMA METÁFORA DA TRAJETÓRIA DA MULHER NEGRA

Não muito diferente do poema anterior, “*Meu Rosário*” procura discutir os aspectos da diversidade cultural, no qual o eu-poético traz a tona o hibridismo religioso. Logo no título, nota-se a presença do símbolo do catolicismo “rosário” e no segundo verso a figura feminina “Mamãe Oxum”, ilustrando a religiosidade africana.

O vocábulo rosário remete à “coroa de rosas” e trata-se de um artigo religioso da Igreja Católica que corresponde ao conjunto de três terços. Cada terço contém cinco mistérios que são formados por um Pai-Nosso e dez Ave-Marias em louvor à coroação de Nossa Senhora. Já “Oxum” é um orixá feminino da cultura africana que simboliza aquela que reina sobre as águas dos rios, a beleza, a prosperidade. Os fiéis recorrem em busca de solução a Oxum, assim como à Nossa Senhora, para problemas de diversas naturezas.

No momento em que dedica as orações de “padres-nossos” e “ave-marias” a “Mamãe Oxum”, o eu-lírico estabelece o sincretismo religioso. Esse ato ocorre simultaneamente.

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo
padres-nossos, ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques
do meu povo
e encontro na memória mal adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
(EVARISTO, 2008, p. 16)

Em seguida, o eu-lírico faz alusão a uma tradição religiosa do catolicismo, a Coroação de Nossa Senhora, festa solene referente à assunção de Maria, mãe de Jesus Cristo. Essa cerimônia ocorre no mês de maio, o qual o eu lírico também reporta no último verso do fragmento supracitado. A festa segue um ritual com todo aparato, de modo que a imagem de

Nossa Senhora é erguida no centro do altar. Neste contexto, meninas são escolhidas para trajar-se como anjos e cumprir a tradição de coroação. No que diz respeito à escolha dos anjos, o eu-lírico reporta a uma “memória mal adormecida”, ao perceber “que as meninas negras/tinham que contentar em ficar ao pé do altar/lançando flores” (EVARISTO, 2008, p. 16). Assim, o eu-lírico transporta para imagem das meninas negras o seu anseio “de coroar a Rainha”, como nas seguintes expressões e versos: “minha infância”, “Quando debulho as contas do meu rosário, /eu falo de mim mesma um outro nome” (EVARISTO, 2008, p. 16). Ao recordar essas vivências/experiências ocorridas no passado, o eu-lírico registra sua indignação à segregação da mulher negra desde a infância. Segundo Elódia Xavier,

[...] o passado adquire [...] uma importância fundamental, porque o dilaceramento das personagens geralmente se justifica pela infância reprimida ou mal-amada. O resgate da memória é um dos caminhos para o auto reconhecimento; a volta às origens, através do passado, faz parte da busca de identidade, pulverizada em diferentes papéis sociais (XAVIER apud MATIA 2011, p.4).

A condição das meninas negras, que desejavam coroar a santa no cerimonial não deixa de ser destacada no poema e, a partir da transfiguração das experiências, as contas do rosário são utilizadas para serem debulhadas diante do indizível, quando o eu-lírico feminino fala de si mesma outro nome sem mencionar qual é.

As coroações da Senhora, em que as meninas negras,
apesar do desejo de coroar a Rainha,
tinham que se contentar em ficar ao pé do altar
lançando flores.
[...]
Quando debulho as contas do meu rosário,
eu falo de mim mesma um outro nome.
E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,
vidas que pouco a pouco descubro reais.
Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
que são pedras marcando-me o corpo caminho.
(EVARISTO, 2008, p. 16)

Conceição Evaristo faz menção em seu poema ao trabalho “escravo” que mulher negra possui, ao caracterizar a dureza e o ritmo de jornada “calos nas minhas mãos”; além das diversas tarefas a serem desempenhadas nos mais ‘variados espaços “terra”, “fábricas”, “casas”, “escolas”, “ruas” e “mundo”. A figura feminina, ora aqui apresentada, tem que cumprir com suas atividades dentro (domésticas) e fora (sociedade).

As contas do meu rosário fizeram calos
nas minhas mãos,
pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas,
nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo.
(EVARISTO, 2008, p. 16)

O eu-lírico refuta a visão alienadora de algumas pessoas acreditarem que “a vida é uma oração”. Tomando como base o silogismo de “há vidas-blasfemas”, já que a vida é uma oração, como disseram um dia ao eu-lírico, seria a segunda premissa, infere-se, então, que há orações blasfemas, ou seja, orações que estão em desacordo com os princípios religiosos de determinado grupo de pessoas. Assim, o eu-lírico denuncia as injustiças e o preconceito religioso.

As contas do meu rosário são contas vivas.
(Alguém disse um dia que a vida é uma oração,
eu diria, porém, que há vidas-blasfemas).
(EVARISTO, 2008, p. 16)

Referindo-se aos versos “Vou e volto por entre as contas de meu rosário/ que são pedras marcando-me o corpo caminho” (EVARISTO, 2008, p. 16), o eu-lírico resgata fatos que a conduzem pelas contas do rosário – “rostos escondidos”, “o borbulhar da fome no estômago” – e os transpõe para o presente ao tecer seus poemas. E nesse ato reflexivo/memorialização nascem “sonhos de esperanças” nos quais o eu-lírico torna-se sujeito enunciativo – “eu canto, eu grito, eu calo”. Sobre esse procedimento temos as palavras de Davi Arrigucci, para quem “a reflexão é que torna possível este reconhecimento do próprio sentimento; este depende do movimento reflexivo do pensamento para que aflore à consciência e, a uma só vez, para que possa exprimir-se. Paradoxalmente, é reflexão o caminho para o coração” (ARRIGUCCI, 2002, p.41).

A escrita poética passa, então, a ser um instrumento de denúncia e conscientizadora para a busca de identidade da mulher negra. E nesse mergulhar da memória é que Conceição Evaristo vai revivendo, reescrevendo sua história, redescobrimo e reencontrando a si mesma.

Nas contas de meu rosário eu teço intumescidos
sonhos de esperanças.
Nas contas de meu rosário eu vejo rostos escondidos
por visíveis e invisíveis grades
e embalado a dor da luta perdida nas contas
de meu rosário.
Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.
Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome
no estômago, no coração e nas cabeças vazias.

[...]
E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuta em tinta,
me guia o dedo,
me insinua a poesia.
E depois de macerar conta por conto do meu rosário,
me acho aqui eu mesma
e descubro que ainda me chamo Maria.
(EVARISTO, 2008, p. 16)

Neste sentido, a literatura afrofeminina de Conceição Evaristo é muito mais do que uma simples poesia social, pois nos transporta para o nosso ser, rompe com nosso estado de espírito e, em seguida, reconstitui a nossa existência com uma nova roupagem. Passamos a conhecer nossas limitações e compreender o outro na sua essência. Parafraseando Antônio Candido (2004), Conceição Evaristo nos humaniza e Santiago Kovadloff frisa:

Por obra da consciência receptora desse silêncio, a subjetividade pode chegar a se reconhecer como indicio de uma verdade que a transcende. Por certo, só graças à subjetividade essa verdade se converte em algo intuído, em algo capaz de manifestar-se como aquilo que ultrapassa a consciência e a condiciona (KOVADLOFF, 2003, p.14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de Conceição Evaristo nos desloca à outra dimensão do interior, que somente uma mulher é capaz de dizer. Seus poemas nos incomodam, porque nos levam a refletir e questionar “Quem sou eu?”, “O que quero e o que faço nesta sociedade?” e “Que espaço ocupo neste meio?”. E assim a escrita poética de Conceição Evaristo nos conduz no fundo do poço e nos emerge como ser transfigurado, mais ativo e participativo.

Situando a autora enquanto mulher negra na história, seus textos ficcionais contribuíram e continuam a contribuir para uma cidadania mais igualitária, problematizando e abrindo debate sobre gênero e raça nos espaços acadêmicos e na sociedade, sem deixar de lado outros temas como memória, identidade e religiosidade. A sua última obra, *Insubmissas lágrimas de Mulheres*, publicada em 2011 pela editora Nandyala, é a prova viva dessa constante luta pela causa feminina.

Sobre a obra referida, pode-se dizer que esta traz 13 contos, todas com narrativas de mulheres negras, as quais relatam suas experiências de vida (alegrias, dores, fraquezas, medo, angústia) e os mais variados sentimentos, transformando-a em arma de resistência. O social pode

ser percebido, não como “fora” da linguagem literária, mas como entrelaçado enquanto parte constituinte da literatura, enquanto estruturante da ficcionalidade representativa que, ao representar, extrapola os limites de representação e perdura por anos e anos, confirmando o espírito de uma das frases mais famosas de Ítalo Calvino (1993): clássico é todo aquele que não terminou de dizer o que tinha para dizer...

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ARRIGUCCI JR, Davi. *Coração Partido – Uma análise da poesia reflexiva de Drummond*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BALBUS, Isaac. Mulheres disciplinantes: Michel Foucault e o poder do discurso feminista. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Druscilla (Orgs.), *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, pp.121-138, 1986.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, pp. 169-191, 2004.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres* Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

KOVADLOFF, Santiago. *O silêncio primordial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003

MATIA, Kátia Caroline de. *Memória e metáforas em a asa esquerda do anjo*. Disponível em: http://www.fecilcam.br/nupem/anais_vi_epct/PDF/linguistica_letras_artes/09.pdf Acessado em novembro de 2014.

MORICONI, Ítalo. *Como e por que ler a poesia brasileira no século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação*. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2007.



Submissão: 24 de fevereiro de 2015

Avaliações concluídas: 09 de dezembro de 2015

Aprovação: 09 de maio de 2016

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

SILVA, Edson Miranda. M.; SILVEIRA, Ederson Luís.; SOUSA, Raimundo Expedito dos Santos. Rosários da Negritude Feminina: Conceição Evaristo e as vozes-mulheres da literatura afro-brasileira. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 01, p. 07-20 de 104, jan./jun., 2016. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >